

COMUNIDADE DE FALA REVISITADA

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília)

Resumo: O objetivo deste artigo é passar em revista os principais conceitos da linguística ecossistêmica a propósito do de comunidade de fala (CF), que será apresentado de modo mais aprofundado a propósito dos habitantes de uma fazenda do município de Patos de Minas (MG). Além das já conhecidas CF “simples/complexa” e “máxima/mínima”, é apresentada a CF “compacta”, por oposição à “difusa”. Apresento ainda o “ecossistema cultural”, no qual se inserem os ecossistemas linguísticos, como a antropologia já vinha fazendo desde o final do século XIX. São propostos também os “padrões de interação comunicativa” (PIC) e a classificação das variedades do português brasileiro como “dialetos rurais”, “dialeto urbano” e “dialeto estatal”. Além disso, o artigo acena para um “mapa mental”, que todo indivíduo da CF deve ter de seu território a fim de se orientar espacialmente.

Palavras-chave: Comunidade de fala; comunidade de língua; ecossistema cultural; ecossistemas linguísticos; padrões de interação comunicativa.

Abstract: The objective of this article is to review the main concepts of the variety of ecolinguistics known as “ecosystemic linguistics” by means of a discussion of “speech community” (SP) versus “language community”, illustrating with the case of the community of a farm located in Brazil’s hinterland. Besides the well-known concepts of “simple/complex” and “maximum/minimum” SP, “compact/diffuse” SP is also presented. Other ecosystemic-linguistic innovations are the “patterns of communicative interaction”, and the classification of Brazilian Portuguese’s varieties as “rural dialects”, “urban dialects”, and “statal dialect”. Finally, the article mentions a possible “mental map” that every member of the SP must have in their minds in order to find their way in their territory.

Key-words: Speech community; language; cultural ecosystem; linguistic ecosystem; patterns of communicative interaction.

1. Introdução

O objetivo principal deste artigo é discutir o conceito de comunidade de fala, partindo da comunidade constituída pelos habitantes de uma fazenda do município de Patos de Minas (MG), próxima do povoado chamado Major Porto, ex-Capelinha do Chumbo. Trata-se da já extinta fazenda do Zé Artino, a que doravante me referirei apenas por Fazenda. Por não existir mais como tal, os dados foram colhidos de cartas que os membros da família trocavam com pessoas de fora, do diário da mãe de família, da memória das pessoas ainda vivas, como o próprio patriarca Zé Artino, além da ajuda de não membros da comunidade ainda sobreviventes que interagem com ela com uma certa frequência.

O **conceito de comunidade de fala** é um dos mais importantes e profícuos na vertente da ecolinguística conhecida como linguística ecossistêmica. Mesmo sendo o verso da moeda cujo reverso é a **comunidade de língua** (CL), ou seja, mesmo não tendo existência independentemente desta, por vários motivos CF tem uma certa precedência prática sobre CL. CF é ecossistema, assim como CL também o é. No entanto, CF é delimitada pelo investigador, exatamente como ocorre com o ecossistema biológico, delimitado pelo ecólogo. A CL, por seu turno, equivale mais a ecossistemas como os biomas, cujos limites estão na própria natureza. Mesmo que esses limites sejam fluidos e se interseccionem com os dos biomas vizinhos, não é o ecólogo que define onde termina a tundra e começa a taiga, onde termina a taiga e começa a floresta temperada, onde termina a floresta temperada e começa a floresta tropical. Por tudo isso, CF é o ecossistema linguístico por excelência, ou seja, por ser o mais próximo do ecossistema biológico. Ele apresenta uma grande maleabilidade, por oposição à relativa rigidez do ecossistema comunidade de língua. Apesar de maleável, e de ser delimitado pelo investigador, como qualquer ecossistema biológico, uma vez delimitada, a comunidade de fala permite um tratamento científico preciso, praticamente nos termos do estruturalismo, de linha cartesiano-newtoniana. O pesquisador tem que se ater a ela, considerando-a holisticamente, sem deixar de lado nenhum de seus componentes. Assim, ele pode averiguar todas as interações que se dão em seu interior, pelo menos na medida do possível. Aliás, quanto menor a CF, mais fácil é a investigação da totalidade dessas interações, respeitando o rigor do método científico.

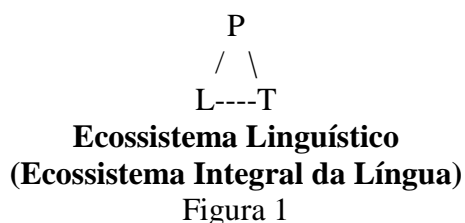
Por esses e outros motivos, a propósito da comunidade de fala o presente artigo passará em revista os principais conceitos da linguística ecossistêmica, na tentativa de refiná-los e de mostrar sua utilidade. Com isso, estaremos mostrando a aplicabilidade desses conceitos, que eles não são construtos teóricos inúteis na prática. Haverá, outrossim, a introdução de conceitos novos, que jaziam latentes, mas ainda não tinham sido tornados patentes.

O artigo começa por uma breve caracterização da ecolinguística e da linguística ecossistêmica na seção 2. A seção 3 apresenta uma discussão relativamente pormenorizada do próprio conceito de comunidade de fala, complementada pela seção 4, que aplica as ideias de CF ao caso da Fazenda. As seções 5, 6 e 7 discutem os componentes do tripé do ecossistema linguístico que é a CF, ou seja, o território (T), a população/pessoas (P) e a língua/linguagem (L), nessa ordem. A seção 7 se subdivide em quatro subseções, a fim de dar conta das várias facetas da língua/linguagem. São elas: a comunhão (7.1), a comunicação (7.2), a referência ou significação (7.3) e as inter-relações entre comunhão, comunicação e significação (7.4). Na seção 8, temos os comentários gerais sobre

a comunidade de fala Fazenda. Por fim, vêm as considerações finais (seção 9).

2. Ecolinguística e Linguística Ecolinguística

A ecolinguística tem sido definida como sendo o estudo das relações entre língua e meio ambiente, não necessariamente no sentido do movimento ambientalista, mas no das relações entre a língua e o meio em que ela é usada. É bem verdade que a maior parte dos ecolinguistas europeus tratam de questões ambientais, mais especificamente criticando os discursos que pretendem vender a ideia de que muita firma poluidora é ambientalmente correta (FILL, 1993). Mais recentemente, porém, ela vem sendo caracterizada como o estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico. Isso está acontecendo no seio da **linguística ecossistêmica**, sugerida originalmente pelo filósofo da linguagem alemão Peter Finke e seu ex-discípulo Wilhelm Trampe (cf. FINKE, 1996; TRAMPE, 1996) e desenvolvida na chamada Escola Ecolinguística de Brasília, que inclui a Universidade Federal de Goiás (COUTO, 2015 e COUTO; COUTO; BORGES, 2015). A linguística ecossistêmica tem esse nome por razões óbvias. Ela parte do conceito central da ecologia, que é o de ecossistema, vendo a língua como parte do **ecossistema linguístico**. Como na ecologia, esse ecossistema consta de uma população (P), convivendo em seu território (T) e interagindo pelo modo tradicional de interagir, ou seja, sua língua/linguagem (L). O ecossistema inicial da língua é o **ecossistema integral da língua**, representado na figura 1 a seguir.



Um fato interessante sobre esse ecossistema linguístico é que, da perspectiva da comunidade de língua como definida logo abaixo, frequentemente o povo (P) é chamado por algo como "os habitantes do território (T) X" e a respectiva língua é chamada de "o modo de falar (L) do povo X". Isso é mais visível em algumas línguas do sul da África. A língua *sesotho* (indicada pelo prefixo *se-*) é o modo de falar do povo *basotho* (indicado por *ba-*), habitante do território *Lesotho* (indicado por *le-*). Do mesmo modo, *português* (povo) é o habitante do território chamado *Portugal* enquanto que *português* (língua) é o modo de falar desse povo. Como povo e língua são designados pelo mesmo termo, a distinção fica um pouco obliterada. A palavra *romanês* significa justamente "o modo de falar do povo cigano" que, aliás, não tem um território, eles são tradicionalmente nômades.

O ecossistema integral da língua compreende três outros, distinguidos por índices numéricos subscritos. Primeiro, o **ecossistema natural da língua**, em que P_1 representa um povo concreto, como o povo kamayurá, cujo território (T_1) é uma parte do Parque Indígena do Xingu e cuja língua é a língua kamayurá (L_1), nos seus aspectos biológicos, fisiológicos, proxêmicos, cinésicos e paralinguísticos. No caso, P_1 e T_1 constituem o **meio ambiente natural da língua** kamayurá. Mas, a língua kamayurá, como qualquer língua, tem como *locus* o cérebro de cada indivíduo da

comunidade, tomado individualmente, de modo que o cérebro deles o é "território" (T_2) de um segundo ecossistema, o **ecossistema mental da língua**. As interações neurais em que a língua é formada, armazenada e processada, ou seja, o cérebro em funcionamento, é o lado dinâmico, ou seja, o lado em que entra a vontade da "pessoa" (P_2). A língua como fenômeno mental (L_2) é o conjunto de conexões e comandos neurais para cada indivíduo se expressar e comunicar-se. No caso, o **meio ambiente mental da língua** é constituído por P_2+T_2 . Por fim, temos a língua como fenômeno social (L_3), em que "povo" (P_3) é a coletividade, enquanto que a face "território", ou seja, o *locus* das interações sociais é a sociedade (T_3). O meio ambiente social da língua é, portanto, P_3+T_3 .

Para a linguística ecossistêmica, o cerne da língua é constituído pelos **atos de interação comunicativa**, que obedecem a cerca de 15 **regras interacionais**, sendo que a 15^a delas constitui o conjunto de **regras sistêmicas**, que existem para auxiliá-las na comunicação. A língua existe nos atos de interação comunicativa, sendo as regras sistêmicas um construto abstraído deles pelo linguista. Nesse sentido, sempre que um falante diz algo a seu ouvinte e ele entende não cabe falar-se em erro. Se o ouvinte teve o enunciado recebido como normal comunitariamente, ele é aceitável, logo, "certo", fato que pode fazer os normativistas ficarem de cabelos arrepiados. No caso da comunidade de fala Fazenda, o lado L é constituído por todas as manifestações dos **padrões de interação comunicativa** (PIC) locais, mesmo que não consigamos recuperar todos os PIC que foram proferidos durante a curta existência desse ecossistema linguístico. Alguns deles serão apresentados e discutidos nas seções subsequentes. Para mais detalhes sobre a linguística ecossistêmica, em especial, e a ecolinguística em geral, pode-se consultar Couto (2015), Couto; Couto; Borges (2015) e Couto; Couto; Araújo; Albuquerque (2016). Este último é uma grande antologia de ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos, com 18 textos inteiramente em português.

3. Comunidade de Fala

O ecossistema integral da língua, ou **comunidade**, pode ser encarado, como comunidade de língua ou como comunidade de fala, conceitos que se definem um por comparação ao outro, como já foi visto acima. A **comunidade de fala** é um ecossistema linguístico constituído por um território geralmente de pequenas proporções, em que os atos de interação comunicativa entre seus membros se dão com relativa frequência. Os laços de solidariedade são bem fortes. Por isso, a sensação de estarem seus membros em **comunhão** é bastante intensa. Enfim, comunidade de fala é o ecossistema linguístico encarado da perspectiva dos atos de interação comunicativa. A **comunidade de língua**, ao contrário, independe do tamanho do território, pois ela é o ecossistema linguístico visto da perspectiva do sistema. Assim, a comunidade de língua portuguesa compreende Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, independentemente de atos de interação concretos. Esses países pertencem à mesma comunidade de língua devido ao fato de seus habitantes terem consciência de que o sistema linguístico vigente neles é o da língua portuguesa.

Aparentemente, é necessário reconhecer pelo menos dois tipos de comunidade de língua. O primeiro é a **comunidade de língua compacta**, cujos membros convivem em espaços contíguos,

não dispersos pelo espaço de outra comunidade de língua. O segundo é a **comunidade de língua difusa**, cujos membros vivem esparzidos pelo espaço de outra comunidade de língua, ou melhor, pelo espaço de uma comunidade de fala relacionada a outra língua. O exemplo prototípico da segunda é a comunidade de língua dos surdos. Por exemplo, os usuários de LIBRAS no Brasil vivem dispersos no seio da comunidade de fala brasileira. No entanto, constituem uma comunidade de língua.

Esses dois conceitos foram inspirados pela dicotomia língua/fala de Saussure e pela dialetologia e a linguística alemãs, que têm os conceitos de *Sprechgemeinschaft* e *Sprachgemeinschaft*. Esses conceitos significam, respectivamente, "comunidade de fala" e "comunidade de língua", numa tradução literal. Para o primeiro, às vezes se ouve também *Kommunikationsgemeinschaft*, literalmente, "comunidade de comunicação".

Já vimos que a comunidade de fala é o ecossistema linguístico por excelência, pois se aproxima mais do ecossistema biológico do que a comunidade de língua, uma vez que é delimitada pelo observador, como no caso da Fazenda, cuja separação das fazendas vizinhas é apenas uma cerca de arame farpado. O linguista ecossistêmico pode delimitar até mesmo o par falante-ouvinte, engajados em um diálogo, como uma comunidade de fala, caso em que seria uma **comunidade de fala mínima**. Ela seria equivalente à célula. Tanto que algumas teorias linguísticas a equiparam à célula, não ao átomo, considerando o diálogo a "célula mínima da comunicação" (BACK; MATTOS, 1972: 7 e BANG; DØØR, 2007: 22). Os ecossistemas biológicos podem ser até menores do que os linguísticos. Porém, o linguista pode delimitar toda a comunidade de língua portuguesa como a comunidade de fala que vai investigar. Nesse caso, trata-se de uma **comunidade de fala máxima**. Por mais estranho que isso possa parecer, está em perfeita sintonia com o conceito ecológico de ecossistema. Como venho enfatizando, CF é o ecossistema linguístico por excelência.

De outra perspectiva, a comunidade de fala pode ser simples ou complexa. **Comunidade de fala simples** é monolíngue e monodialetal, caso da comunidade de fala Fazenda. Se ela for bi-/multilíngue e/ou bi-/multidialetal, será uma **comunidade de fala complexa**. Um exemplo de comunidade de fala complexa, por ser bilíngue, é Chuí, na fronteira do Brasil com o Uruguai, onde é chamada de Chuy. A cidade de Bruxelas, por seu turno, é também uma CF complexa, mas multilíngue, pois contém falantes de flamengo (incluindo o dialeto brabantês), francês, inglês, turco, árabe, berbere, alemão e outras línguas. Provavelmente ela é a cidade mais multilíngue da Europa. Países como Índia, China, Suíça e muitos outros são multilíngues, e multidialetais. Aliás, a maior parte dos países do mundo é multilíngue, inclusive o Brasil que, só de línguas indígenas tem quase 200.

As comunidades de fala podem ser ainda compactas ou difusas. **Comunidade de fala compacta** é aquela cujos membros vivem bastante próximos um do outro espacialmente, o que favorece a interação, a comunhão e até a comunicação. Um primeiro exemplo é o núcleo familiar, como o da família do Zé Artino, cujos membros compartilham a mesma casa (veremos que há outras famílias no interior da Fazenda). As cidades também podem entrar nessa categoria porque muitos de seus habitantes moram um acima do outro em edifícios de 20, 30, 40 e até mais andares, com todos os problemas que isso acarreta. Mesmo quando vivem em casas, elas estão uma ao lado da outra, às

vezes sendo divididas apenas por uma parede. Na **comunidade de fala difusa** as pessoas vivem relativamente afastadas uma da outra, como acontece nas regiões rurais. Por exemplo, se delimitássemos toda a região rural do município de Patos de Minas como um ecossistema linguístico, tratar-se-ia de uma comunidade de fala difusa, pois haveria uma distância relativamente grande entre os moradores. Geralmente, a comunidade de língua é a comunidade de fala mais difusa que se pode imaginar, quando não por ser em geral uma comunidade de fala máxima, excetuando os pequenos grupos étnicos ameríndios e assemelhados, como os kamayurás, em que CF e CL coincidem, o que é o caso ideal.

A CF pode ainda ser efêmera *versus* permanente e sedentária/fixa *versus* nômade. Como o próprio nome já diz, **comunidade de fala efêmera** é aquele ajuntamento de pessoas com alguns interesses comuns, mas de curta duração. Em sua forma extrema, coincide com a comunidade de fala mínima, apenas falante e ouvinte em interação comunicativa, mas pode se constituir de mais pessoas. Dois exemplos históricos conhecidos são o dos pigmeus e dos ciganos. Os ciganos, por exemplo, se pulverizam por diversas comunidades de fala efêmeras nos acampamentos, por mais tempo que eles durem. O mesmo vale para os pigmeus. Um outro tipo de CF efêmera é a constituída pelos acampamentos dos sem-terra. Por exclusão, toda CF que não for efêmera é uma **comunidade de fala permanente**. Praticamente todas as CFs mencionadas acima são permanentes. Até certo ponto, a comunidade de fala permanente coincide com a **comunidade de fala sedentária** ou **fixa**, por oposição à **comunidade de fala nômade**. No entanto, há comunidades de fala efêmeras que não são propriamente nômades. É o caso da CF efêmera formada pelo acampamento dos sem-terra, embora ela possa se desfazer a qualquer momento. Enfim, efemeridade e nomadismo, por um lado, e permanência e sedentarismo, por outro, não se sobrepõem inteiramente.

Para finalizar este tópico, e voltando à comunidade de língua, é preciso distinguir comunidade de língua *versus* comunidade de línguas. A primeira já foi caracterizada acima. Quanto à **comunidade de línguas**, até certo ponto ela coincide com o que Denison (2001) chamou de “ecologia linguística”. Para ele, pode-se falar, por exemplo, em “ecologia linguística europeia”. Às vezes, fala-se em “ecologia das línguas”. A *Sprachbund*, como é o caso da balcânica, também constitui uma comunidade de línguas. Ela pode ser **mínima**, como em uma “ecologia” em que coexistem apenas duas línguas, ou **máxima**, como a “ecologia linguística europeia”, que abrange todas as línguas da Europa, ou a totalidade das línguas do mundo. Como se vê, trata-se de conceitos úteis para o estudo do multilinguismo.

4. Visão geral da Comunidade de Fala Fazenda

A comunidade de fala constituída pela fazenda do Zé Artino resultou do desmembramento da fazenda de seu pai (o patriarca Artino) de aproximadamente 168 alqueires, dividida em partes idealmente iguais pelos oito filhos (*Criola, Isé, Duca, Nega, Nina, Marieta, Nego e Dersa*, além da viúva *Chiquinha* e da “criada” *Culinha*). Isso se deu no início da década de quarenta do século passado. O fato é que a parte que coube ao Zé Artino compreendia 21 alqueires mineiros, ou seja, uns 48.400m². É nela que toda sua família e agregados, especificados abaixo, viviam e é dela que tiravam o próprio sustento, mediante a criação de alguns animais (porcos, gado, equinos, galináceos etc.) e o cultivo de milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar etc. Na década de 1970, essa

ECO-REBEL

fazenda foi vendida e voltou a fazer parte de uma fazenda maior, embora não exatamente a mesma em que estava inserida antes, de propriedade do patriarca Artino. A fazenda deste último continha ainda, como agregados, os membros da família do *Zé Clemente*, constituída ainda pela esposa *Lica* e filhos *Amadeu*, *Tião*, *Orlando* etc. A comunidade de fala fazenda do *Zé Artino* propriamente dita existiu aproximadamente de 1941/2 a 1956/1957.

Como se vê, as comunidades de fala estão umbilicalmente ligadas a um espaço e a um tempo bem definidos. Elas podem se fazer e se desfazer, ser desmembradas, integrar outras comunidades de fala etc., exatamente como acontece com o ecossistema biológico. Tanto que poderíamos delimitar apenas a família nuclear do *Zé Artino* como o P do ecossistema, tendo como T apenas a sede da fazenda, apesar de haver outras famílias em seu interior. Poderíamos até mesmo considerar cada dois membros da família em interação comunicativa como formando uma CF mínima (falante e ouvinte). Vale dizer, embora o espaço (T) seja de fundamental importância para a existência de uma CF, o que faz de um grupo de pessoas, em determinado lugar e interagindo entre si, uma comunidade de fala não é o tamanho. Exatamente como no caso do ecossistema da ecologia que, segundo seu proponente, pode ir do universo, passando por um continente, um bioma (como a tundra, a taiga, o cerrado), um lago, um tanque e até o átomo (Tansley 1935).

A despeito do fato de ser uma comunidade de fala simples, a CF Fazenda continha três outros núcleos familiares em seu interior, vale dizer, duas comunidades de fala menores. A Fazenda propriamente dita tinha como pai de família o *Isé*. Na segunda o chefe era o *Zé Timote*. A terceira era formada pelos três irmãos *Ilídio*, *Cândia* e *Júlia*. Isso mostra mais uma vez a maleabilidade do conceito de CF. Como todo ecossistema, o da Fazenda era um ecossistema linguístico poroso. Havia uma interação intensa com os membros dos ecossistemas linguísticos circundantes. Essa comunidade de fala estava localizada inteiramente no domínio da comunidade de língua portuguesa. Tratava-se de uma CF simples, uma vez que era monodialetal, ou seja, seu dialeto do português era o mesmo da respectiva região rural de Minas Gerais e, em grande parte, do Brasil rural como um todo. Por ser monodialetal, era também monolíngue.

Vejamos mais alguns argumentos que justificam considerarmos a Fazenda como uma comunidade de fala. Em primeiro lugar, porque tem um T e um P inteira e exclusivamente seus, mesmo sendo seu L compartilhado com o das comunidades de fala das vizinhanças em talvez acima de 99%. Afinal, a população de organismos de cada ecossistema biológico delimitado pelo investigador tem aproximadamente os mesmos padrões de comportamento que os dos ecossistemas circundantes. O que faz de um ecossistema um ecossistema não são apenas os padrões de comportamento, mas também a população e seu *habitat*. As especificidades comportamentais da população podem ser mínimas, contanto que compartilhem um T e um P. O mesmo vale para o ecossistema linguístico, no caso, a comunidade de fala, ou seja, o que faz de uma CF uma CF é o todo TPL. Aliás, os padrões de interação comunicativa não são só verbais. Neles entram também ingredientes proxêmicos, cinésicos, paralinguísticos e outros.

Em segundo lugar, pelo fato de seus membros conviverem em um mesmo T, têm consciência desse compartilhamento. Tanto que se referem a *nóis* como o grupo da Fazenda, por oposição a *eles*, os membros das demais comunidades de fala da vizinhança, mesmo quando não há limites naturais dividindo-a delas, como um córrego, um espigão etc. Em terceiro lugar, o L contém nomes para

toponímia, flora, fauna, hidronímia, ares, fenômenos atmosféricos etc., frequentemente ignorados pela vizinhança. Em quarto lugar, mesmo tendo o mesmo L, tem **padrões de interação comunicativa** (PIC) específicos. Na seção 7 e subseções veremos alguns exemplos desses PIC.

5. A fazenda ou o Território (T)

Por que o território é importante na caracterização da CF? Primeiro porque sem T não haveria P e, sem P não haveria L. Como diz a antropogeógrafa Semple (1941), discípula de Friedrich Ratzel, "o homem é um produto da superfície da terra. Isso significa não apenas que ele é filho da terra, pó de seu pó, mas também que a terra o pariu, alimentou-o, atribuiu-lhe tarefas, direcionou seus pensamentos, apresentou-lhe dificuldades que fortaleceram seu corpo e aguçou seus sentidos" (p. 1) e assim por diante. Por isso, "cada clã, tribo, estado ou nação incluem duas ideias, um povo e seu território, o primeiro impensável sem o segundo" (p. 51). Infelizmente, continua a autora, "a maior parte dos sistemas de sociologia trata o homem como se ele fosse de alguma maneira desligado da superfície da terra; eles ignoram a base terrena da sociedade" (p. 53). Isso é tão importante que "quanto mais frouxa for a conexão entre terra e povo, mais frouxo será o tipo de organização social" (p. 58), ou seja, "a terra é a força dominante na coesão da sociedade", inclusive na ecologia da interação comunicativa.

Referindo-se à língua, Mufwene (2001) disse que ela é um parasita de da população (P). A população, por seu turno, é um parasita de T, segundo a linguística ecossistêmica. Logo, a base terrena (T) é de fundamental importância para o entendimento da linguagem, sobretudo de uma perspectiva holística. Com efeito, sabemos que até mesmo os atos de interação comunicativa prototípicos dependem do espaço. Duas pessoas se engajam prototipicamente em um diálogo só quando se veem juntas no mesmo espaço e, sempre que se veem juntas no mesmo espaço, em geral interagem verbalmente. Por isso faz sentido começar o detalhamento da comunidade de fala Fazenda pelo território.

Já vimos que o T da comunidade de fala em questão era constituído pela fazenda de cerca de 21 alqueires mineiros. A leste, ela se limitava com a *fazenda do Quinca* e a do *Pedo Dama*, imediatamente. Além dessas duas fazendas, ficava o incipiente povoado *Horizonte Alegre* ou *Os Tavar*. A oeste ficava a *fazenda do Nadim*, imediatamente; mediatamente, a do *Gerardo Luís* e a *serra da Roxa*, distante, mas visível. Ao norte, encontrava-se a *fazenda do Vicente Borges*, ex-sede do patriarca *Artino*. Além dela, a *Capetinga*, onde se via uma colina em que a chuva parecia começar. Ao sul, a *fazenda do Juca Juvêncio* e, mais além, o povoado *Capelinha do Chumbo*, atualmente Major Porto. A noroeste, ficavam a *fazenda do Nego* e a do *Josia*.

A Fazenda como um todo está dividida em *casa*, compreendendo o *curral*, o *chiqueiro*, o *paiol* (para armazenar milho), o *quintal* e a *manguera* (pequeno cercado em que se colocam os porcos), o *pasto de cima* e o *pastinho*. A casa em si compreendia três quartos (um para o casal, outro para os meninos e um terceiro para as meninas), sala e cozinha, sendo esta um puxado como a haste da letra "T" com os demais cômodos, que seria a linha horizontal superior dessa letra. Mas, havia subdivisões maiores no T da Fazenda. Uma primeira era o *ispigão do Quinca*, situado em um ponto extremo no lado noroeste. A segunda era a *lagoa*, no lado sudeste da fazenda. Essa lagoa era sazonal; só se enchia de água durante os meses de chuva (*inverno*). Na face oeste, ficava uma

ECO-REBEL

terceira, o *ispigão do Nadim* (assim chamado por estar próximo da fazenda dele). Por fim, tínhamos um outro espigão, coberto de vegetação, uma capoeira, apropriadamente chamado de a *capuera*. As demais posições e localidades da Fazenda eram chamadas pelo acidente nelas localizado, completando sua microtoponímia.

Os membros da família e agregados denominavam aspectos do local que aparentemente não tinham nenhuma relevância para os de fora, mas que para eles eram de fundamental importância. Circundando a Fazenda, nomeavam a *serra do Parmital* e o *corgo da Capivarinha*, ao norte. Ao sul, encontrava-se o *corgo das Batata* e *Capelinha do Chumbo*. Esta última era também chamada de *Comércio, Rua e Praça*, por oposição à "zona rural". A leste tínhamos o *Horizonte Alegre (Os Tavar)* e, a oeste, a *serra da Roxa*. Ainda circundando a área do território da Fazenda, havia as fazendas mencionadas logo acima.

No interior do T desta CF, nomeavam-se ainda diversos acidentes, além dos já mencionados a propósito da subdivisão interna da Fazenda. O *Ispigão do Quinca*, por exemplo, estava situado em um ponto bem distante da sede (a casa). Sua importância na CF residia no fato de que, por ser distante, quando uma *rês* (boi, vaca) ou um *animal* (cavalo, égua) ia para lá, era difícil encontrá-lo, pois era o último lugar a que se ia. A *lagoa* era ainda mais retirada da sede, embora o acesso a ela fosse mais fácil. Nos fundos da casa, passava um pequeno córrego (que fornecia água para a família), que desaguava em outro pouca coisa maior, que vinha da *fazenda do Nadim*. Para distinguir os dois, chamavam ao primeiro de *nosso corquinho* e, ao segundo, *corquinho do Nadim*. Já vimos também que os dois espigões se distinguiam mediante as denominações de *ispigão do Nadim* e *ispegão do Quinca*. Identificava-se ainda o *oi d'água*, nascente de *nosso corquinho*, distante uns 300 metros da casa; era um lugar em que as crianças gostavam de brincar. Um pouco abaixo do *oi d'água*, furava-se uma *cacimba*, para retirar água quando o córrego secava. No morro acima do *oi d'água*, encontravam-se *as cana* (pequeno canavial). No lado leste, a uns 100 metros da casa, situavam-se *as binga*, dois ou três imponentes pés de *binga* (jequitibás), que tinham esse nome porque seu fruto, a *binga*, se assemelhava a um isqueiro, localmente chamado de binga. Ao lado desses jequitibás, havia a *arvinha*, pequena árvore de copa arredondada e com bastante folhagem. As crianças viviam encarapitadas em suas grimpas, além de ser lá que o amigo *Osmar*, agregado da fazenda do *Juca Juvêncio*, chegava para brincar com elas.

Entre os animais, havia uma vaca chamada *Chatinha*, que investia contra as crianças, uma vaca que mamava em si mesma, os bois *carrero* (que puxavam o carro), uns dois *marruáis* (bois reprodutores), a *eguinha*, uns três cavalos, o cachorro *Lião*, além de porcos, galinhas e outros.

Apesar de a Fazenda ser uma CF extinta, o espaço físico em que ela se encontrava ainda existe, mas não como território (T) de uma CF específica. Mesmo que reproduzíssemos sua delimitação, não há mais os mesmos habitantes nem os mesmos PIC. Vele dizer, T só tem valor linguístico-ecossistêmico se interligado a P e L, assim como cada um destes só significa alguma coisa se interligado aos dois outros.

6. A População ou as Pessoas (P)

Vejamos o lado P da comunidade de fala da fazenda do Zé Artino. O patriarca era chamado *Zé Artino* pelos de fora do núcleo familiar, pelo fato de ser filho do velho Artino. Internamente à

Fazenda e, sobretudo à família, ele era chamado de *Isé*, embora a esposa (*Conceição*) o chamasse de *José* e algumas filhas o chamassem de *pai*. Os sogros e sua filha adotiva *Norfa* o chamavam de *cumpade Zé*.

A população da Fazenda era formada por 13 pessoas. Primeiro, temos os membros da família nuclear. Ela era constituída pelo pai, o *Isé*, a mãe *Conceição* e os filhos: *Dinho*, *Irma*, *Datim*, *Luma* e *Valto*, em ordem decrescente de idade. Por volta de 1956/7, quando se mudaram para *Os Pato* (Patos de Minas), *Dinho* tinha 15 anos. Cada um dos demais irmãos era mais novo do que o anterior aproximadamente um ano. Residindo em uma casinha também situada no terreno da Fazenda, ao pé do *ispigão do Nadim*, havia a família dos avós maternos (os sogros), constituída pelo avô *Zé Timote*, a avó *Josina* e a *Norfa*. Por fim, havia mais uma família de agregados, num casebre de pau a pique próximo à casa dos avós, constituída por três irmãos solteirões, ou seja o *Ilídio*, a *Cândia* e a *Júlia*. Um detalhe sobre esses irmãos, aparentados da família do *Joaquim Sai-Cedo*, é que as duas mulheres eram papudas (tinham bócio): a primeira tinha duas bolas no pescoço, a segunda tinha três, todas do tamanho de uma laranja grande. A família do *Joaquim Sai-Cedo* era formada por ele, a esposa (de cujo nome não se tem mais registro), e dois filhos, *Bechó* e *Zé* (o *Bechó* era chamado de *Tchitchó* pelo *Zé*). Essa família era agregada da vizinha *fazenda do Nadim*, mas estava bem próxima da casa do *Zé Timote*.

Um fato importante a respeito do lado P da comunidade de fala Fazenda é que todas as denominações específicas de aspectos dela existem para as pessoas se orientarem. Elas fazem parte do **mapa mental** que todos os indivíduos que integram a Fazenda têm dela na cabeça. Por exemplo, quando um deles menciona a outro o nome *ispigão do Quinca*, o interlocutor sabe a que o falante se refere, em que posição no mapa da CF o espigão se encontra. Isso vale para o conhecimento que as pessoas em geral têm do mundo, do globo, do país, do estado, da cidade, do quarteirão e das divisões de sua casa. Todo indivíduo da comunidade tem uma espécie de GPS (*global positioning system*) na memória, e é esse GPS que lhe permite orientar-se nela, e até fora dela.

O conceito de mapa mental está aguardando um maior aprofundamento. Afinal, ele é imprescindível para a eficácia dos atos de interação comunicativa, que requerem uma **orientação no mundo** (SCHAFF, 1974). Por exemplo, qualquer pessoa que more em São Paulo, e conhece a cidade bem, sabe em que posição da topografia da cidade está localizado o bairro da Lapa. Sabe também qual o melhor itinerário a seguir para chegar a ele partindo de onde se encontra. A despeito de tudo isso, o conceito de mapa mental, bem como o de comunhão, tem sido deixado de lado por quase todos os linguistas. Talvez algo já tenha sido feito no âmbito da psicologia e, talvez, da filosofia. Um autor que parece ter avançado algumas ideias nesse sentido é Alfred Korzybski. Minha intenção foi apenas chamar a atenção para sua relevância. Fico torcendo para que outros pesquisadores o investiguem a fundo.

7. Interação e Linguagem (L)

Inicialmente é bom lembrar que essa comunidade de fala estava localizada inteiramente no domínio da comunidade de língua portuguesa. Tratava-se de uma CF simples, monodialetal e monolíngua. O dialeto do português era o mesmo da respectiva região rural de Minas Gerais e, em grande parte, do Brasil rural como um todo. Aliás, os **dialeto rurais** brasileiros apresentam uma

notável semelhança, a ponto de não haver grandes problemas de comunicação entre seus falantes, do Oiapoque ao Chuí. Havia muito pouco contato com o **dialeto urbano**, sobretudo devido às poucas viagens a Patos de Minas (a cidade mais próxima) pela *jardinera* (ônibus), que percorria a *linha* (estrada de terra). Havia também um pouco de contato pelo rádio a pilha. O contato com o **dialeto estatal** se dava basicamente apenas nas precárias, efêmeras e poucas escolas.

Diante de tudo que foi visto, é legítimo dizer que a CF Fazenda tinha um L próprio? Apesar de a linguagem verbal local ser aproximadamente a mesma da região, é preciso lembrar que a interação comunicativa lança mão não apenas de palavras, como veremos mais pormenorizadamente na subseção 7.4. Veremos que entram em ação, além do componente verbal, o paralinguístico, o proxêmico, o cinésico, o silêncio, as pausas etc. Todo elemento do ecossistema cultural pode ser usado, e o é, nos atos de interação comunicativa locais. Uma vez que para a linguística ecossistêmica L é o como os membros da comunidade interagem verbalmente entre si, podemos dizer que o L local era o conjunto de todos os **padrões de interação comunicativa** (PIC) que as pessoas da comunidade usavam. É muito difícil recuperar esses PIC, mas, nas subseções seguintes teremos uma amostra do que eles eram.

7.1. Interação Pessoa-Pessoa I: Comunhão

A **comunhão** é o primeiro tipo de interação que se dá entre as pessoas. Ela existe até entre os demais animais. Isso porque ela é um tipo de solidariedade que assegura a coesão de pessoas (ou de animais) do grupo que convivem em determinado espaço. Sem comunhão, pode haver um *bellum omnium contra omnes*, conflitos que levarão o grupo a se autodestruir, a se esfacelar. Pessoas (e animais) que comungam o mesmo espaço, as mesmas condições atmosféricas, as mesmas condições de vida, aproximadamente os mesmos contatos sociais, tanto intracomunidade quanto extracomunidade, têm que ter uma solidariedade mútua a fim de manter pelo menos uma política de boa vizinhança. Nessas condições, elas têm consciência de que compartilham muitos interesses. Mas, não é só isso. Passa a haver entre as pessoas uma satisfação pelo simples fato de estarem juntas, conhecendo e compartilhando as mesmas coisas, inclusive a linguagem, embora a comunhão prescindia da língua. Tanto que entre os membros da esquadrinha de Cabral e os tupinambás de Porto Seguro houve momentos de comunhão em 1500, como se vê na *Carta* de Caminha. Em casos de comunhão como a que existe entre namorados, entre mãe e bebê, entre os membros de uma plateia que aguardam ansiosamente por seu cantor preferido, em todas essas situações e assemelhadas nem é preciso que alguém diga algo. Se alguém disser alguma coisa, será muito bem-vindo, mas isso não é necessário. Poderíamos acrescentar ainda o grupo de alunos em uma sala de aula, um agrupamento familiar, duas pessoas engajadas em uma conversa e assim *ad infinitum*. Enfim, o número de grupos de pessoas em comunhão fica em aberto.

Como contraponto, seria interessante mencionar algumas situações de pessoas espacialmente juntas, mas que não estão em comunhão. Um exemplo interessante é o grupo de pessoas em um elevador. Por não haver comunhão, todo mundo fica ansioso, constrangido, louco para chegar a seu andar e cair fora o mais rápido possível. Pessoas que se aglomeram debaixo de uma marquise por causa da chuva estão no mesmo caso. No entanto, se em situações como essas alguém disser algo que suscite o interesse dos demais, pode iniciar-se uma comunhão e, conseqüentemente, um

ECO-REBEL

diálogo, ou mais de um. No caso de uma família (pai, mãe, filho e filha adolescentes) em uma mesa de restaurante que não tiram os olhos do aparelho celular, usando o WhatsApp, em vez e comunhão o que se tem é uma **descomunhão**. Eles estão fisicamente juntos, mas mentalmente ligados a alguém distante. Logo, não estão em comunhão, mas em seu contrário, a descomunhão. A fazenda do Zé Artino como um todo constituía uma comunidade de fala justamente devido ao estado de comunhão em que viviam os membros dos três núcleos familiares nela existentes. É essa comunhão que lhes dava o sentimento de que constituíam uma unidade que os distinguiu das comunidades de fala vizinhas. Mas, no interior de cada núcleo familiar havia comunhão também, o que faz dele uma unidade, uma CF. A família do *Isé* será objeto de maior atenção por ter sido ele o proprietário da fazenda, sendo as duas outras famílias agregadas.

Entre o *Isé* e a esposa (*Conceição*) o nível de comunhão era bastante baixo, com inúmeros atritos, chegando ao nível de se odiarem. Como *Isé* começou a preparar a mudança deles para uma fazenda de um lugar de Minas tido como "sertão", *Conceição* começou a usar o dístico: *Ocê jurô e fez tenção / de me enterrar é no sertão*. Entre os meninos (*Dinho, Datim, Valto*) havia bastante solidariedade. Entre as meninas (*Irma, Luma*), também. Entre os meninos e as meninas o grau de solidariedade comunal já era um tanto menor, já que havia menos interação. Como o pai *Isé* era um homem rude, sem muitas gentilezas, não havia muita solidariedade entre ele e os filhos, menos ainda entre ele e as filhas. No caso da mãe (*Conceição*), já havia muito mais solidariedade com os filhos, embora muito menos com as filhas: entre elas havia constantes conflitos, devidos à lide na cozinha.

Sobre a solidariedade comunal existente na família do *Zé Timote* e na dos três irmãos, existem muito poucas informações. O pouco que se sabe é que o *Zé Timote* e a esposa *Josina* se odiavam também, já tendo vivido alguns anos separados. O que os mantinha juntos na mesma casa era a pressão da filha (*Conceição*), além de questões econômicas. Viverem os dois juntos e com a *Norfa* facilitava as coisas. De modo que a comunhão aí existente era um tanto forçada, não espontânea como na maioria dos casos. Entre os irmãos *Ilídio*, a *Cândia* e a *Júlia*, da terceira família residente na fazenda, não havia atritos. Por serem irmãos solteirões, viviam em relativa paz. O nível de solidariedade era bastante alto, logo, também de comunhão.

Por fim, temos a comunhão existente entre os três núcleos familiares. Tendo a família chefiada pelo *Isé* como força centrípeta, aparentemente não havia atritos entre esses núcleos. Pelo contrário, compartilhavam o sentimento de que de certa forma constituíam uma unidade, a CF da fazenda do Zé Artino, que se opunha à unidade de cada uma das fazendas vizinhas. Além disso, havia uma certa gratidão ao *Isé* pelo fato de permitir que residissem no domínio da fazenda dele. Naquela época ainda não existia a figura do usucapião com tanta força como hoje em dia.

É bom lembrar que nem sempre os estados de comunhão são cem por cento. Há **graus de comunhão**. Por exemplo, um casal de namorados em um suave diálogo está em **comunhão total**. O mesmo se pode dizer de um grupo de religiosos em uma oração, entre outros. Mas, quando alguém é obrigado a ouvir outrem falando sem parar, dominando a palavra, contrariamente à tese defendida em Couto (2012), entre outras situações, podemos ter uma **comunhão parcial**. Pode ser até uma **comunhão mínima**.

7.2. Interação Pessoa-Pessoa II: Comunicação

Na verdade, trata-se mais propriamente de interação comunicativa, mas, devido à força da tradição, às vezes uso simplesmente o termo **comunicação**. A literatura linguístico-ecossistêmica tem mostrado que toda interação comunicativa requer um falante, um ouvinte, um assunto de que se fala e um cenário, constituindo um todo chamado de **ecologia da interação comunicativa**. Falante e ouvinte alternam os papéis durante todo o **fluxo interlocucional**, o que está relativamente bem discutido em diversas publicações, como Couto; Couto; Borges (2015: 109-125, 156-162). Como toda interação comunicativa se dá em um local específico, qualquer espaço da Fazenda podia se transformar em cenário para um diálogo. No entanto, havia alguns lugares em que ele se dava com mais frequência. Na cozinha era mais comum diálogos entre a mãe e as filhas. Na sala era raro haver conversas, a não ser quando chegava alguma visita. No quarto os diálogos, e as brigas, se davam entre pai e mãe. No curral a interação se dava mais entre pai e filhos, o que acontecia também na roça (arando, plantando, colhendo e recolhendo). Talvez tenha sido na cozinha que a maior parte dos **atos de interação comunicativa** tenha acontecido. Vejamos o que foi possível recuperar dos padrões de interação comunicativa da comunidade de fala Fazenda.

Começamos pelo único diálogo completo que ficou registrado e por alguns fragmentos de diálogos. O diálogo se deu entre o *Datim* (D) e o avô *Zé Timote* (Z). O avô estava se referindo a alguém que havia ido procurar minhocas para pescar. No entanto, como ele evitava diversas palavras, como 'minhoca', 'sapo' e 'diabo', tidas por ele como tabus, substituía-as por *bicho do chão*, *dicoque* e *diacho*, respectivamente, sempre que tinha que falar delas. O *dicoque* (sapo) ele chamava também de *moxé*. Eis o diálogo:

- Z: *Ele foi pegá bicho do chão pa pescá*
- D: *O que que é bicho do chão?*
- Z: *Bicho do chão!*
- D: *Mais o que é bicho do chão?*
- Z: *Bicho do chão, uai!*
- D: *O que é bicho do chão, padim?*
- Z: *Minhoca do chão, meu fio?*

Temos também registro de um fragmento de diálogo. Certa feita, o *Zé Artino*, o *Josia* (casado com sua irmã *Dersa*), o *Aristide* (casado com a irmã *Nega*) e o *Dinho* estavam saindo a cavalo na direção da *Praça*, ou seja, a então *Capelinha do Chumbo*. A certa altura, o *Aristide* sentiu necessidade de defecar. Apeou do cavalo, desceu as calças e se acorrou ali mesmo, ao lado de todos os outros. Nisso, o *Josia* disse:

- J: *Eeh, Aristide! Ocê vai fazê isso aí?*

ao que Aristide retrucou:

- A: *Uai, sô! Todo mundo caga. Vamos, senhores, todos cagar!*

ECO-REBEL

O fato de *Aristide* ter se expressado como no português estatal se explica por estar ele lendo *O livro de São Cipriano*, grimório de origem medieval que trata de rituais, ocultismo, exorcismo, magias e feitiçaria. Por isso, todos na Fazenda e nas redondezas tinham um certo receio do que ele pudesse fazer.

Certa feita *Conceição* (C), *Dinho*, a *Norfa* e as cunhadas *Nina* (N) e *Criola* estavam caminhando por um espigão, voltando de uma visita à fazenda do vizinho *Zé da Olinta*. Alguém avistou alguns homens nadando nus no córrego lá embaixo. Houve o seguinte diálogo:

- C: *Vamu pra cá porque tem home pelado lá embaixo.*

- N: *Pois eu quero vê!*

- C: *Uai, Nina! Ocê num tem vergonha não?*

- N: *Uai, quem num gosta de vê?*

Temos o registro da seguinte brincadeira contada pelo agregado *Ilídio*:

Um pai tinha três fia. Ele deu um anel p'a mais velha, sapato p'a do meio e brinco p'a mais nova, pois não podia dar as três coisa pras três. Pra exhibi o anel, a primeira disse:

- Alá um bichinho! (apontando para ele com o dedo em que estava o anel)

A segunda, pra mostrá o sapato, disse:

- Eu vô mata! (fazendo o gesto de pisar nele)

A terceira, para mostrar os brinco, balançô a cabeça dizem:

- Num mata não!

Um outro fragmento de diálogo envolve o *Datim* de novo. Certa feita o *Isé* estava negociando a venda de uma vaca, que tinha o hábito de mamar em si mesma, a um vizinho (V). Eles estavam sendo observados de perto pelo *Datim* (D), que, a certa altura interveio:

- D: *Ela mama nela mesmo!*

- V: *"Uai, sô! Acho que nesse caso eu num vô comprá ela, não!"*

Infelizmente, não temos a continuidade dessa interação, nem o seu começo. O que se sabe é que o negócio não se concretizou, precisamente por essa informação dada ao possível comprador pelo *Datim*. Certamente ele foi punido quando o vizinho foi embora, talvez apenas com uma reprimenda (o pai pode ter *danado* com ele), mas pode ter sido também uma bela *tunda*. Certa feita, a avó estava indo com o *Dinho* e o *Datim* de sua casa para a casa da filha *Conceição*. Em determinado momento, ouviram o cachorro *Limão* latindo na *capuera*. Nisso, a avó disse: *o Lião tá pegano tatu*. O *Datim*, que estava começando a aprender a falar, repetiu: *Lão pegano cu*. A avó imediatamente corrigiu: *num é assim, meu fio; é Lião pegano tatu!* Centenas, milhares de outros diálogos (fluxos interlocucionais), longos e curtos, aconteceram. No entanto, não temos como recuperá-los. O ideal seria ter um registro de todos eles, com o que teríamos uma radiografia completa da comunidade de fala Fazenda. Aqui ficam apenas esses dois exemplos.

ECO-REBEL

Vejam os alguns padrões de tratamento vigentes entre as pessoas da família nuclear (do *Isé*). Os filhos chamavam o pai por *Isé*, exceto a *Irma*, que dizia *pai*. Um pouco mais tarde, as demais filhas passaram a chamá-lo de pai também. A mãe (*Conceição*) era chamada de *mãe* por todos. Os avós não eram chamados de vô e vó. Pelo contrário, o avô materno *Zé Timote* era chamado de *padim* (com o *d* não palatalizado, como em Pernambuco). A avó *Josina* era chamada de *madinha* (também sem palatalização do *d*). De novo a *Irma* era uma exceção, pois chamava os avós de *pai* e *mãe*, respectivamente. O motivo certamente era o fato de ela ter morado na casa deles nos primeiros anos de vida. Tampouco dos avós para os netos havia o tratamento tradicional, como, por exemplo, 'meu neto' e 'minha neta'. Tanto avô quanto avó se dirigiam aos netos chamando-os de *meu fio* e *minha fia*. Da *Conceição* para seus pais o tratamento era normal: ela os chamava de *pai* e *mãe*, respectivamente. No entanto, eles a chamavam de *Fia*. Por fim o tratamento do *Isé* para com os sogros e vice-versa: ele os chamava pelos respectivos nomes, mas eles o chamavam de *cumpade Zé*, o que fazia também a filha adotiva *Norfa*.

Havia diversos outros tipos de interação, não inteiramente verbal ou não apenas verbal. *Dinho* e *Datim*, por exemplo, viviam brincando e brigando. Certa feita, eles começaram a imitar dois cachorros brigando, o que o pai achou muito engraçado. Quando a mãe pedia aos filhos todos para pegar um frango para o almoço, o *Dinho* distribuía as tarefas entre os irmãos. Como todos andavam descalços, cada um devia correr pelos lugares com espinhos e tocos, enquanto ele ficava em um lugar limpo para pegar o frango quando ele passasse por ali. Por esse motivo, a mãe dizia que ele era *mandrião*.

A avó *Josina* tinha uma ligeira preferência pelos netos mais comportados, menos *artero*. O avô *Zé Timote*, ao contrário, dizia: *o mió é o pió*. Vale dizer, para ele o "melhor" deles era o "pior" e o "pior" era o "melhor", o que significava que amava a todos em condição de igualdade.

Uma vez, creio que na sexta-feira da paixão, a *Josina* e a *Norfa* voltaram de um culto à noite após o qual não podiam falar nada até o amanhecer. Como o *Zé Timote* não sabia de nada, fez uma pergunta à *Norfa* (lembre-se que ele não gostava da esposa). Como ela não respondeu, ele repetiu a pergunta: novo silêncio. Sua reação foi dizer *uai!* Até que ele se encheu de coragem e fez a pergunta à esposa. Diante de novo silêncio, ele reagiu de novo: *uaaai!*, *uaaai!* Um dia, a *Irma* disse ao *Dinho* um dístico que o filho do *Juca Juvêncio* (o *Venço*) teria dito a uma moça com a qual iria ter relações sexuais:

*Batata cozida,
mingau de cará.*

*Buceta metida,
que gosto terá.*

Apesar de serem pessoas rudes da zona rural, semianalfabetas, todos os que usaram essas expressões tinham algum tipo de intuição para o ritmo da fala versificada. Tanto que se trata de dois dísticos, ou paradas, cada verso constituído de pentassílabos rimados e perfeitamente ritmados.

A mãe *Conceição*, a despeito de também semianalfabeta, era uma pessoa muito criativa. Ela usava diversas frases feitas, algumas comuns em toda a região, outras criadas por ela. O dito de que "Muito trovão é sinal de pouca chuva" ela substituíra por *muito peido é sinal de pouca bosta*. Frequentemente ela dizia ao marido *ocê tá juntano dinheiro pa tê um enterro bonito* e *ocê jurô e fez tenção de me enterrá é no sertão*. Temos registro de umas duas dezenas de frases como essas que eram usadas por ela. Para não alongar demais, vejamos mais seis delas: *enrola o rabo, senta em cima e fala do rabo dos odo*; *pensô que fez uma bicha e fez uma bichera*; *tudo que passa sobra*; *eeh mininu tarado!* (bobo); *eta homi fresco!* (cuca fresca, tranquilo demais, referindo-se ao marido).

Tudo isso era parte dos padrões de interação comunicativa (PIC) locais, ou seja, do aspecto L desta comunidade de fala. Entre os PIC compartilhados com toda a região, poderíamos lembrar o diálogo que se deu entre o *Remundo Ferrera* e o *Zé Professor* (ex-Churim), na então Capelinha do Chumbo (ver Couto, 1974: 8-10 e Couto; Couto; Borges, 2015: 156-159). A primeira dessas obras é um apanhado geral do que se falava na região como um todo até o início da década de setenta do século passado. Para a linguagem usada na interação com os animais em fazendas vizinhas, pode-se consultar Couto (1987, 1995).

7.3. Interação Pessoa-Mundo: Significação

Excetuando os atos de comunhão, não há comunicação sem que se fale de alguma coisa. Todo ato de interação comunicativa é sobre algo, ou seja, refere-se a alguma coisa fora do próprio enunciado e frequentemente até mesmo da respectiva ecologia da interação comunicativa. Assim sendo, é importante abordar também, ainda que brevemente, aquilo de que os membros da CF fazenda do *Zé Artino* falavam. Por outras palavras, falar da referência (e até do referente, da coisa) das palavras, frases feitas e de todos os PIC locais, da **significação**. Como acontece em todo o dialeto da região, praticamente todas as palavras que se usavam na fazenda tinham uma acepção ligeira ou inteiramente diferente da que tem no português urbano e no português estatal. Por exemplo, já vimos que *tarado* significava bobo, enquanto que *fresco* queria dizer tranquilo. Se algo era *bom*, poder-se-ia falar de sua *bondade*. Se uma criança gostasse de uma pessoa era porque *agradô dela* e assim por diante.

De certo modo, quase tudo de específico já foi mencionado em outras seções, como os antropônimos, os topônimos, as frases feitas, enfim muitos dos PIC locais. Talvez as referências mais marcantes entre todas as já mencionadas tenham sido as microtoponímicas, sobretudo as internas à Fazenda. Elas eram conhecidas e usadas apenas pelos membros dessa comunidade de fala, algumas restritas inclusive à família do *Isé*, dada a sua posição social e geográfica. Elas existiam para orientação espacial no contexto da CF. Na descrição do território da fazenda, foram mencionados, entre outros, o *ispigão do Quinca*, o *nosso corguinho*, o *corguinho do Nadim*, o *ispigão do Nadim*, o *oi d'água*, a *cacimba*, as *binga*, a *arvinha*, as *cana* e outros. Aí entraram também a *casa*, o *curral*, o *chiqueiro*, o *paiol*, o *quintal*, a *manguera*, o *pasto de cima* e o *pastinho*. Entre os animais, a *Chatinha*, os bois *carrero*, os *marruás*, a *eguinha* e o *Lião*.

Os nomes que as pessoas davam a si e o como se tratavam também entram nos padrões de referência desta comunidade de fala. Repetindo, temos a família do *Isé* (*Zé Artino* para os de fora

ECO-REBEL

da comunidade de fala), a esposa *Conceição*, juntamente com os filhos *Dinho*, *Irma*, *Datim*, *Luma* e *Valto*. A família dos avós (*Zé Timote*, *Josina* e *Norfa*) e dos três irmãos (*Ilídio*, *Cândia* e *Júlia*) completavam os nomes de pessoas da CF.

Vejam alguns exemplos do vocabulário local (às vezes compartilhado com as CF vizinhas). Entre os inúmeros outros, temos *sambanga* (abobado), *imbondo* (petisco), *mutreco* (coisa feia, espantalho), *cafuçu* (moleque, bobo, preto), *tifuque* (crioulo, pau de fumo), *dicoque* (sapo), *manqueba* (manco), *cascabulho* (monte de cascas), *mandrião* (malandro), *peteco* (desordem, sujeira), *toba* (ânus), *orobó* (ânus), *sambirico* (sambiquira, cóccix), *forquia* (parte interna do encontro das duas pernas), *catirá* (barganhar), *panhá* (comprar), *enviá* (fazer de bobo), *muiezinha* (homossexual masculino), *jabo* (grande corte no corpo, ferida), *diária* (o dia todo), *isturdia* (o outro dia), *inzoná* (demorar), *nascida* (furúnculo), *riguilido* (assanhado), *fuzarca* (confusão, brigaria), *leteque* (falante).

Entre as expressões e frases feitas usavam-se *enguli a lobera* (voltar atrás em algo combinado), *batê pedra* (dar o cano), *pegá luita* (luta corporal semelhante ao sumô japonês), *passá a manta* (levar vantagem em uma negociação), *atolá a briosa* (sair-se mal). Além disso, temos as inúmeras frases feitas usadas com muita frequência por *Conceição*. O ato de aquecer-se encarapitado na *fornaia* (fogão de lenha), era *quentá fogo*. Se fosse fora de casa, tratava-se de *quentá sóli*. Tanto para essas frases feitas quanto para os itens lexicais existem muito mais exemplos em Couto (1974: 46-48).

Do ponto de vista semasiológico, quase toda palavra é polissêmica, refere-se a mais de uma realidade. O contrário também é válido: do ponto de vista onomasiológico, toda coisa (pessoa, entidade, fenômeno) pode receber nomes diferentes. Na CF Fazenda, isso ocorria com bastante frequência. O chefe da família central da fazenda, por exemplo, tinha diversos nomes, como já vimos. Para os membros das comunidades vizinhas, ele era o *Zé Artino*, ou seja, aquele *Zé* que era filho do finado patriarca *Artino*, um tipo de "coronel" na região. Mas, mesmo no interior da CF, ele tinha nomes diferentes. Com efeito, os filhos o chamavam de *Isé*; as filhas, de *pai*; os sogros e a *Norfa*, de *cumpade Zé*; a esposa, de *José*. Vale dizer, ele era chamado por cinco nomes diferentes. Sua esposa também era chamada por mais de um nome. O marido a chamava de *Conceição*. Para os filhos, ela era *mãe*; para os pais dela (*Zé Timote* e *Josina*) ela era a *Fia*.

Tudo isso mostra que o significado das palavras é claramente ligado a um contexto, não há significado descontextualizado. Alguns autores chegam a afirmar que toda palavra tem um significado diferente para cada pessoa que a usa, ou seja, o significado das palavras só existe na comunidade de fala, e até na ecologia da interação comunicativa em que são usadas. É claro que existe uma base comum, um significado ligado à comunidade de língua, ao sistema. No entanto, em cada ato de interação comunicativa esse significado pode ser subvertido, e frequentemente é subvertido, ou melhor, adequado, adaptado. A palavra pode ser usada até no sentido oposto ao que tem no sistema da língua. Afinal, o que interessa na prática é a eficácia na interação comunicativa, não a formalidade de se usarem as palavras como manda o figurino. Tampouco o é a formação de frases "gramaticais". O entendimento é o mais importante, ou melhor, é o que importa.

7.4. Inter-relações entre os três Tipos de Interação: Comunhão, Comunicação e Significação

ECO-REBEL

Vimos que, por ser uma ecologia que faz parte de outras ecologias, a língua é formada basicamente de interações, que constituem o conceito central do ecossistema. No caso do ecossistema linguístico, assim como no do ecossistema biológico, há dois tipos básicos de interação: interação organismo-organismo e interação organismo-mundo. Linguisticamente, a primeira é a interação pessoa-pessoa, equivalente à **comunicação**. A segunda é a interação pessoa-mundo, correspondente à referência, denominação, nomeação ou **significação**, ou seja, basicamente a relação palavra-coisa. O primeiro tipo de interação se subdivide em dois outros, que são a comunhão e a comunicação. Elas já foram qualificadas acima, portanto, o que vou fazer na presente seção é compará-las, levando em conta que a **interação-comunhão** é pré-requisito para a **interação-comunicação** eficaz.

A comunicação é normalmente bidirecional. Ela vai de uma pessoa (p_1) a outra (p_2), e vice-versa, de modo sucessivo, como se vê no fluxo interlocucional do diálogo. A comunhão também pode ser bilateral, como no diálogo, já que ela é pré-requisito para sua eficácia. No entanto, a maior parte dos casos de interação-comunhão é multilateral. Em geral, a comunhão existe entre pessoas de um grupo, como os mencionados acima na seção 7.1. A comunicação é uma interação explícita, uma vez que p_1 diz algo e espera uma reação de p_2 ; a comunhão é amiúde apenas implícita, apenas um estado de espírito. Na comunicação, há um compartilhamento ativo, há ação, uma vez que quem desencadeia o diálogo pretende algo de seu interlocutor. Na comunhão, o compartilhamento é do tipo *wu wei* (não ação) do taoísmo, uma vez que se trata de uma atitude de boa vontade para com quem está próximo, uma solidariedade, uma simbiose mútua, uma satisfação pela simples copresença, não necessariamente de uma ação física.

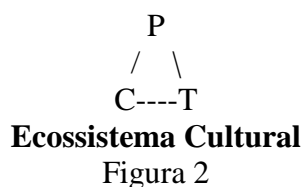
Aparentemente, a comunhão independe de significação ou referência compartilhada, embora a significação seja dependente da comunicação. No primeiro caso houve, em Porto Seguro em 1500, comunhão entre os portugueses e os índios tupinambás, sem que houvesse qualquer compartilhamento de referências às coisas do mundo, ou seja, não havia nenhuma palavra compartilhada. Sequer havia dados culturais compartilhados. O que havia era apenas aquilo que é dado pelas mesmas condições de vida na face da terra e ao fato de terem a mesma aparência. Houve momentos de comunhão sem que tivesse havido comunicação como aqui definida. Tudo isso está discutido em relativo pormenor em Couto (2001).

As pessoas se comunicam referindo-se a algo e só se referem a algo comunicando-se, como Schaff (1968, p. 158-164) já havia assinalado. Previamente a tudo isso, é necessário que haja algum tipo de estado de comunhão. Do contrário, não haverá comunicação. Não havendo compartilhamento de experiências, o falante pode referir-se a uma coisa com determinada palavra (signo), mas o ouvinte pode associar o signo recebido a outra coisa. Mesmo havendo compartilhamento de experiências, se falante e ouvinte não estão em comunhão, a comunicação não se dará a contento. Não haverá entendimento se o ouvinte não quiser saber do que o falante lhe diz. Não basta o compartilhamento das **regras interacionais** e das **regras sistêmicas** (COUTO; COUTO 2015: 155-156). A língua é muito mais do que o sistema abstrato, a gramática, ou regras sistêmicas. Ela compreende comunhão, comunicação e significação, combinadas com as regras interacionais e as regras sistêmicas. Enfim, em termos de prioridade nos atos de interação comunicativa concretos,

ECO-REBEL

primeiro vem a comunhão; em seguida, as regras interacionais; por último, as regras sistêmicas. Primeiro vem a comunhão, depois a comunicação, depois a significação.

Englobando tudo que foi apresentado até aqui temos o **ecossistema cultural**. Trata-se da totalidade dos signos e sistemas de signos de determinada comunidade, ou seja, tudo que é compartilhado por seus membros, tanto no nível material como no imaterial. Por ser compartilhado, pode eventualmente ser usado em atos de interação comunicativa, e o são. O primeiro de todos os ingredientes da cultura é a língua. Mas aí entram também os gestos, as crenças, os usos e costumes, os artefatos, aí inclusas a casas, os monumentos, as ferramentas e muito mais. Eco (1974) apresenta um conspecto relativamente detalhado do ecossistema cultural, embora sem usar o termo. É bem verdade que hoje em dia há uma tendência para se falar em "ecossistema" de tudo (espíritual, virtual etc.), de certa forma banalizando o conceito. No entanto, o conceito de ecossistema cultural faz sentido. Tanto que ele está implícito e às vezes explícito em muitos antropólogos. Como se pode ver na figura 2 logo a seguir, sua representação é homóloga à do ecossistema linguístico apresentado na seção 2.



Esse tripé deve ser lido da seguinte forma: para que haja uma cultura (C) é necessário que pré-exista um povo (P) convivendo em determinado lugar, que é seu território (T). O C no caso seria tudo que P fez, faz e fará. No "fez" está o acervo guardado na memória e que garante a identidade do grupo. No "faz" estão os padrões de ação, no como lavram a terra, plantam, colhem, enfim, os modos tradicionais de agir, inclusive de comunicar. No "fará" estão os planejamentos e investimentos para o futuro.

O ecossistema cultural foi discutido por muitos autores sem usar essa expressão, como é o caso de Preziosi (1977) e do já mencionado Eco (1974), entre muitos outros. No contexto do que viria a ser a linguística ecossistêmica, ele vem sendo apresentado desde pelo menos Couto (1997: 115-116), mesmo que o símbolo usado tenha sido L, de linguagem em geral, que equivalia ao C de cultura. No entanto, em Couto (1981) ele já vinha sugerido de forma embrionária. Como L estava no lugar de C, língua ficou representada por l_1 , ao lado dos demais sistemas de signos culturais, que seriam l_2 , l_3 até l_n . Usando C para cultura no ecossistema cultural e L para língua no ecossistema linguístico, as coisas ficam mais claras. Trocando em miúdos, o ecossistema linguístico é parte do ecossistema cultural, o que significa que a língua é parte da cultura, ou seja L é parte de C.

É importante ressaltar que o ecossistema cultural da Fazenda era em grande parte o das comunidades vizinhas, o **ecossistema cultural rural**. Ele se opunha ao **ecossistema cultural urbano**, vigente nas cidades. Naquela época, de cerca de 1941/2 a 1957, as regiões rurais brasileiras tinham muito pouco contato com as cidades, motivo pelo qual sua língua e cultura eram bastante diferentes das respectivas variedades urbanas. Cada polo dessa oposição tinha alguma

ECO-REBEL

ideia do que era a outra, mas uma ideia apenas vaga. Eram mundos diferentes. O ecossistema cultural rural era centrípeto, voltado para si mesmo, pois a lide diária para a sobrevivência não permitia às pessoas grandes elucubrações teóricas. O ecossistema urbano, ao contrário, era centrífugo, com habitantes de cada cidade voltados para a cidade maior (Rio de Janeiro, São Paulo etc.), e as elites desta voltadas para a Europa, sobretudo a França. Isso a despeito de grande parte dos residentes nas cidades serem de origem rural.

Pelo menos aparentemente, não há um "ecossistema cultural estatal", para manter o paralelo com as variedades da língua **dialeto estatal**, **dialeto urbano** e **dialetos rurais**. Isso mostra mais uma vez que a língua estatal é uma realidade artificial, abstrata, uma vez que abstraída das realidades linguísticas concretas. Tanto que praticamente não existe um ecossistema estatal que a englobe e lhe dê identidade.

Tudo que faz parte do ecossistema cultural pode ser usado para o entendimento nos atos de interação comunicativa. No caso da comunidade de fala fazenda do Zé Artino, elementos da natureza como a *arvinha*, a *serra da Capetinga* e outros eram parte do respectivo ecossistema cultural. A primeira era um local de as crianças brincarem, ao passo que a segunda era observada para se ver se viria chuva. Enfim, praticamente todos os microtopônimos supramencionados, como elementos físicos, pertenciam ao ecossistema cultural local, além do nome que tinham. Consequentemente, podiam ser usados, e eram usados, para o entendimento nos atos de interação comunicativa.

8. Comentários

Como proposto na introdução, a apresentação da comunidade de fala Fazenda permitiu uma revisão de diversos conceitos da linguística ecossistêmica. Permitiu um detalhamento maior do próprio conceito de comunidade de fala, por oposição ao de comunidade língua. Vimos que há diversos tipos de comunidades de fala, de cujo conhecimento depende a visão da língua como interação. Uma característica interessante da CF é o fato de poder ser compacta ou difusa, o que tem a ver com o estar seus membros próximos um do outro ou distantes, respectivamente.

Novos conceitos foram introduzidos na linguística ecossistêmica, CF compacta *versus* CF difusa, mapa mental, orientação no mundo, ecossistema cultural, padrões de interação comunicativa (PIC). Os cinco primeiros conceitos têm a ver com a essência ecossistêmica da língua, ou seja, o fato de ela ser constituída basicamente de interação. A divisão do português no Brasil em três tipos de dialetos se relaciona com o modo de encarar a diversidade do português no Brasil. Todos esses conceitos já estavam em germe no arcabouço da linguística ecossistêmica. Agora, estão sendo propostos explicitamente, à espera de que sejam melhor estudados e aplicados em estudos de caso. Vimos que os PICs locais eram muito semelhantes aos das comunidades vizinhas, às vezes praticamente iguais a eles. No entanto, muitos continham algumas especificidades, uma vez que tinham a ver com o que era específico da Fazenda. É o caso dos nomes de acidentes aparentemente irrelevantes para os de fora, mas que para os moradores da Fazenda eram de fundamental importância para se orientarem no local. Em grande parte dos atos de interação comunicativa em que se engajavam, havia necessidade de se referirem a esses acidentes. Assim, a referência, denominação, nomeação ou significação é função da comunicação. As pessoas só se referem a

algo em atos concretos de interação comunicativa. Por outro lado, só se engajam em atos de interação comunicativa referindo-se a algo. De modo que comunicação e significação são as duas faces da mesma moeda. As pessoas se comunicam significando e significam comunicando-se. No caso da fazenda, quaisquer duas pessoas (p_1 , p_2) da comunidade podiam encetar um diálogo a qualquer momento, e a todo momento havia duas delas conversando, o que mantinha viva a linguagem local.

Inserindo a comunidade de fala da fazenda do Zé Artino na realidade do português brasileiro, e do português como um todo, vimos que é possível estabelecer três tipos de dialetos. Primeiro, temos o português rural, ou os **dialetos rurais**, dos quais a variedade aqui estudada faz parte. Segundo, temos o português urbano, ou **dialeto urbano**. Terceiro, o português estatal, ou **dialeto estatal**. Cada um deles tem *status* ontológico próprio, nenhum é "variação" do outro, como dá a entender a sociolinguística variacionista. Para ela, os dialetos rurais não têm isso, aquilo e aquilooutro, a exemplo da flexão de número nos nomes, de que são faltos (*os menino-*, *as menina-*). De acordo com essa teoria, essas locuções nominais estão truncadas, seriam variedades mutiladas das respectivas variedades do dialeto estatal ou até do dialeto urbano, uma vez que teriam perdido algumas partes. Pelo contrário, para a linguística ecossistêmica, eles são o modo de interação verbal normal das populações rurais. Nesse papel, esses dialetos são completos, perfeitos. Não lhes falta nada. De acordo com o ecolinguista catalão Albert Bastardas i Boada, "com muita frequência as variedades padrão prescritas [...] são percebidas como se se tratasse dos códigos originários dos quais proviriam os chamados 'dialetos', que seriam formas mal faladas e, portanto, incorretas das supostas 'línguas'. Na realidade, o processo é justamente o contrário. Não são os 'dialetos' que provêm da 'língua', mas sim o 'padrão' normativo que pegou a maioria de suas formas de algumas formas vernáculas" (Bastardas i Boada, 2000: 20).

Usei a expressão "dialetos rurais" no plural porque há muitas variedades deles Brasil afora. No entanto, como Elia (1979) já havia ressaltado, há uma semelhança espantosa entre eles, desde o Chuí até o Oiapoque. Modernamente, isso pode ser constatado ao vivo quando vemos pessoas sem muita instrução sendo entrevistadas na televisão. Suas falas lembram muito o "dialeto caipira" descrito em 1920 por Amadeu Amaral (cf. Amaral, 1955), como eu já havia apontado para o de Capelinha do Chumbo em Couto (1974, 1998).

É interessante notar que o estudo de algo específico, particular, como a CF Fazenda, permitiu discutir conceitos de validade geral. O específico e particular leva diretamente à questão do contexto. A linguagem funciona em contextos específicos, como nas comunidades de fala, em cujo âmbito emergem ecologias da interação comunicativa. Os conceitos da língua só têm existência propriamente dita em contextos específicos. Tanto que uma mesma pessoa pode ter diversos nomes, dependendo do contexto. Por exemplo, um adolescente das proximidades da Fazenda (Major Porto), era conhecido como Churim por volta do final da década de 50 do século passado. No entanto, quando se tornou adulto e passou a exercer a profissão de professor em meados da década de 70 do mesmo século, seu nome mudou para *Zé Professor*. Atualmente, ele se mudou para uma cidade de Goiás, onde é chamado pelo nome *de registro*, ou seja, José Gonçalves Arcanjo. Como se vê, o contexto pode ser até mesmo de caráter temporal.

9. Considerações Finais

Alguns formuladores de teorias acham que tudo começa no social, como acontece com algumas correntes da sociologia, por exemplo. Outros acham que tudo é mental, como é o caso de Noam Chomsky e sua gramática gerativa. No entanto, a linguística ecossistêmica mostrou que tudo começa no natural, ou seja, no espaço ou território. Se não tivesse havido a convivência de todas as pessoas mencionadas acima no espaço da fazenda do Zé Artino, certamente não haveria as especificidades linguísticas que comentei, não haveria os PIC locais. Não haveria o aspecto mental nem, muito menos, o social, pois não haveria pessoas convivendo entre si. Se não houvesse o espaço da América do Sul que hoje chamamos Brasil não haveria a comunidade de fala do português brasileiro. Isso vale para qualquer comunidade de fala e até para qualquer comunidade de língua.

Além de ver na língua um fenômeno biopsicossocial (com as dimensões natural, mental e social), a linguística ecossistêmica reconhece também a dimensão temporal, como já salientado acima. Por isso, valeria a pena retomar o conceito de **história interacional**, sugerido apenas de passagem por Mufwene (2005: 37). Os padrões de interação comunicativa (PIC) têm uma história. Embora Mufwene tenha se referido apenas a uma 'história interacional individual', é forçoso reconhecer que há uma 'história interacional coletiva' também. Como ele mesmo lembra em outra passagem de seu livro, a "comunidade linguística é uma **arena interacional** em que variantes semânticas, fonológicas, morfossintáticas e processos pragmáticos estão submetidos a um processo de competição e seleção" (p. 52). Tomando-se essa "luta" apenas como metáfora, é esse dinamismo que leva à evolução linguística, entre outros fatores como a adaptação a novas condições em que os falantes se encontram. Muitos PICs desaparecem, outros emergem enquanto outros permanecem em plena vigência. Na língua como interação nada é estático, tudo está sempre evoluindo, se transformando.

Normalmente, as interações comunicativas são **harmônicas**. Tanto que tem sido enfatizado que a comunhão é pré-requisito para a comunicação. No entanto, é preciso lembrar que há **interação comunicativa desarmônica** também. É o caso de agressões verbais, de ordens drásticas e alterações de diversos gêneros, entre outros casos. No entanto, os atos de interação prototípicos são os harmônicos, que se dão em um clima de comunhão. Os desarmônicos são a exceção que confirmam a regra.

Enfim, tudo na língua, em especial, e na cultura, em geral, começa pelo natural, é registrado pelo mental e, eventualmente, sancionado pelo social, podendo alguns começar pelo mental e até pelo social. Em determinadas situações, um ou outro fenômeno cultural e/ou linguístico pode começar pelo social, passando pelo mental até chegar no natural. Isso se assemelharia ao que em ciências da saúde se chama de somatização.

Algumas teorias mais radicais asseveram que a língua é um fenômeno social, como fazem a sociolinguística e a análise do discurso. O iniciador do movimento que desembocou nessas teorias, Ferdinand de Saussure, via a língua como um fenômeno psicossocial. Para outras teorias, ela é uma realidade mental, caso da gramática gerativa. Por fim, há aquelas que veem na língua algo natural, como faz de novo Chomsky, que, como se vê, encara a língua como um fenômeno biopsíquico. O fato é que a língua apresenta as três facetas, a social, a mental e a natural. Enfim,

do ponto de vista holístico da linguística ecossistêmica, ela é uma realidade biopsicossocial. O exame minucioso da comunidade de fala da fazenda do Zé Artino permitiu ver como esses três aspectos da língua estão inextricavelmente interligados.

Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955 (Primeira edição de 1920).
- BACK, Eurico; MATTOS, Geraldo. 1972. *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo: Editora F.T.D, vol. I, 1972.
- BANG, Jørgen Chr.; DØØR, Jørgen. *Language, ecology and society: A dialectical approach*. Londres: Continuum, 2007.
- BASTARDAS I BOADA, Albert. *Ecologia de les llengües: Medi, contacte i dinàmica sociolingüística*. Barcelona: Proa, 2000, 2ed.
- COUTO, Elza K. N. N. do; COUTO, H. H do. O discurso "fragmentado" dos meninos de rua e da linguagem rural. In: Couto, Elza N. N. do & Albuquerque, Davi B. de (orgs.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015, p. 152-162.
- COUTO, Hildo Honório do. *O falar capelinhense*. Uma visão sociolinguística. Londrina. UEL (1974), 79p.
- _____. Semiótica da cultura e tradução. In: Mattos, Delton de (org.). *Estudos de tradutologia I*. Brasília: Kontakt, 1981, p. 9-32.
- _____. *Uma introdução à semiótica*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1983.
- _____. Os apelidos do Cláudio. *Humanidades* 11, 1986/7, p. 65-70.
- _____. Sons usados na comunicação homem-animal na região de Major Porto. *Estudos lingüísticos (GEL)* XV, 1987, p. 125-132.
- _____. A comunicação homem-animal numa fazenda de Minas Gerais. *Cadernos de linguagem e sociedade* 1,1, 1995, p. 40-48 (ampliação do anterior).
- _____. *Contoto interlingüístico: Da interação à gramática*, 1997. Disponível em: <https://dl.dropboxusercontent.com/u/101161181/Meus%20textos/Forma.doc> (acesso: 16/01/2016).
- _____. Falar capelinhense: um dialeto conservador do interior de Minas Gerais. In: GROSSE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (orgs.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt: TFM, 1998, p. 371-391.
- _____. A interação entre portugueses e tupinambás em Porto Seguro em 1500. *Pesquisa linguística* v. 6, n. 1, 2001, p. 7-28 (UnB).
- _____. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *O tao da linguagem: Um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, 2015, p. 36-62. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index> (acesso: 18/01/2016).
- COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. 2015. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes.
- _____; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *O paradigma ecológico nas ciências da linguagem: Ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016.
- DENISON, Norman. A linguistic ecology for Europe? In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The Ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001, p. 75-83.

ECO-REBEL

- ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- ELIA, Silvio. *A unidade linguística do Brasil: Condicionamentos geoeconômicos*. Rio de Janeiro: Livraria Padrão, 1979.
- FILL, Alwin. *Ökolinquistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr, 1993.
- Fill, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996.
- FINKE, Peter. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. In: Fill (org.), 1996, p. 27-48.
- MUFWENE, Salikoko. *Créoles, écologie sociale, évolution linguistique*. Paris: L'Harmattan, 2005.
- PREZIOSI, Donald. Towards a relational theory of culture. In: *The Third LACUS Forum*. Columbia, S.C.: Hornbeam Press, 1977, p. 278-286.
- SCHAFF, Adam. *Introdução à semântica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Linguagem e pensamento*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of geographic environment: On the basis of Ratzel's system of anthropo-geography*. New York: Henry Holt & Company, 1941.
- TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* 16,3, 1935, p. 284-307.
- TRAMPE, Wilhelm. Ökosysteme und Sprache-Welt-Systeme. In: FILL (org.), 1996, p. 59-75.

Recebido: 10/04/2016.
Reformulado: 01/07/2016.
Aceito: 02/08/2016.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 2, N. 2, 2016.